

John Boyne

Tormento

Tradução:

CARLOS ALBERTO BÁRBARO

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2009 by John Boyne

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The Dare

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Foto de capa

Oscar Poss/ DPA/ Corbis/ Latinstock

Preparação

Bárbara Prince

Revisão

Luciana Baraldi

Viviane T. Mendes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Boyne, John

Tormento / John Boyne ; tradução Carlos Alberto
Bárbaro. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2014.

Título original: The Dare.

ISBN 978-85-65765-28-2

1. Literatura juvenil I. Título.

12-12460

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil 028.5

2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

UM

Começou na tarde de uma quarta-feira, em julho, poucos dias depois do início das férias.

Eu tinha passado a tarde jogando bola com o Luke Kennedy. Ele morava com a mãe e o namorado dela na casa ao lado da nossa. O pai dele não morava mais lá. Ele tinha se mudado uns dois anos antes, um dia depois do décimo aniversário do Luke. Para compensar, no fim de semana em que foi embora ele levou o Luke para ver o Norwich pegar o Arsenal. O Norwich perdeu.

Não tinha ninguém em casa quando entrei, o que era estranho. Eram só quatro e meia e eu sabia que o papai ainda levaria uma hora pra chegar, mas não era normal a mamãe estar na rua a essa hora. Fui até a cozinha, abri a geladeira e tomei um pouco de leite direto da caixa. Eu gostava de ficar sozinho em casa, mas era melhor quando isso acontecia perto do Natal e eu podia procurar os presentes escondidos. Não dava pra fazer isso no verão.

Assim, subi as escadas e parei na porta do quarto do Pete. Ele tinha começado a faculdade em outubro e devia ter voltado no verão para trabalhar com o papai na loja, mas

ligou uns dias antes e disse que em vez disso iria viajar de trem pela Europa com os amigos.

— Que novidade — papai disse depois de desligar. — Ele promete uma coisa e depois não cumpre.

— Ele é jovem — mamãe disse. — Não dá pra condenar. — Ela sempre defendia o Pete, porque ele era o seu queridinho. Todo mundo dizia que ele parecia um galã de cinema e que levava qualquer um na conversa.

— Não liga — vovó me disse certa vez. — O cérebro da família é você, e além do mais aparência não é tudo.

Aquilo me deixou todo convencido.

Pete levou a maioria das coisas dele para a faculdade — bem, pelo menos tudo o que era legal. Quando ele foi pra lá eu torci para ele deixar o som, porque era melhor que o meu, mas ele não deixou. E levou também quase todos os CDs, deixando os que não prestavam empilhados atrás da porta. O guarda-roupa ficou quase vazio. Os cabides pareciam esqueletos.

Na parte de cima do guarda-roupa ele deixou uma caixa cheia de coisas que ainda queria, mas que não dava pra levar. A caixa estava lacrada com fita-crepe, mas uma vez, quando não tinha ninguém em casa, eu abri para dar uma espiada nas revistas que ele guardava lá. No dia seguinte, comprei um rolo de fita-crepe só pra mim, assim eu poderia abrir a caixa e folhear as revistas quando quisesse. Depois era só passar mais fita pra ninguém descobrir.

Sentei na cama dele e desejei que ele estivesse ali pra gente conversar. Pete não era como os outros irmãos mais velhos que eu conhecia, que ainda estavam no colégio. Esses sempre ignoravam os irmãos mais novos quando encontravam com eles, mas o Pete nunca fez isso.

Fui pro meu quarto e olhei pela janela. Luke Kennedy estava falando sozinho, abaixado ao lado da bicicleta, olhando o pneu traseiro pra ver se não estava furado. Eu não queria que ele me visse, então agachei atrás do parapeito e fiquei espiando até ele entrar em casa.

Demorou um bom tempo para eu cogitar que algo ruim tivesse acontecido.

— Aí está você — papai me cumprimentou quando chegou. A essa altura eu estava estirado no sofá, vendo tevê. — Como foi o seu dia?

— Legal. Andei de bicicleta com o Luke. Depois jogamos bola.

— Deviam proibir as bicicletas na rua — ele disse, balançando a cabeça. — São uma ameaça.

— Talvez eles deversem proibir *os carros* de andar na rua — eu respondi. — E obrigar todo mundo a andar de bicicleta. Tem muita poluição por aí, na minha opinião. — Falei isso porque o noticiário tinha acabado de mostrar uma matéria sobre poluição.

— Genial, Danny — papai disse, dando umas batidinhas na minha cabeça, como se eu fosse um cachorrinho. — Isso resolveria o problema. — Eu nem respondi. Papai sempre achava que estava sendo engraçado quando jogava um sarcasmo. — Cadê a sua mãe? — ele finalmente perguntou, olhando ao redor. Ele parecia espantado por ela não estar ali parada com os chinelos dele e uma xícara de chá.

— Ela não estava aqui quando eu cheguei.

— E que horas foi isso?

— Quatro e meia.

— Estranho — ele disse, dando uma espiada no relógio. — E ela não ligou para avisar que estava saindo?

— Não.

— Nem deixou um bilhete?

— Não vi bilhete nenhum — eu disse, depois de pensar um pouco. — Mas também não procurei.

Normalmente, quando sabia que ia demorar, a mamãe deixava uma mensagem no bloquinho ao lado do telefone. Eu tinha me esquecido de olhar ali quando voltei. Papai foi até o corredor e voltou em seguida, balançando a cabeça.

— Nenhum recado — ele disse. — Alguma coisa deve tê-la atrasado. Você tá com fome?

Pensei no assunto.

— Morrendo! — respondi.

Lá pelas oito, a mamãe ainda não tinha voltado pra casa e o papai estava começando a ficar preocupado. Ele ligou para uns amigos, mas eles também não sabiam dela. Eu tinha certeza de que ele queria ligar para mais gente, mas aquilo já tinha acontecido antes e dado confusão. No fim a mamãe tinha encontrado uma conhecida na biblioteca, elas tinham saído pra beber e acabaram demorando mais do que pretendiam.

— Quer dizer que eu não posso ter vida própria? — ela perguntou quando soube que ele tinha ligado para um monte de gente. — Ou será que eu tenho que pedir permissão pra você antes de fazer qualquer coisa?

— Não — papai disse, sorrindo para ela ao responder a primeira pergunta. — E sim.

Como sempre, ele achava que estava sendo engraçado. Mas depois ela passou uns dias quase sem falar com ele, e o Pete e eu tivemos que preparar as refeições, porque o pa-

pai alegava que não conseguia nem ferver água sem queimar tudo.

— É melhor você ir pra cama — ele disse lá pelas nove e meia, quando ela ainda não tinha voltado.

— Mas eu estou de férias. Não tem escola amanhã de manhã.

— Ainda assim, você precisa dormir. Então por favor faça o que estou mandando, rapazinho.

Normalmente eu teria feito um pouco mais de manha, mas dava pra ver que ele estava preocupado. Eu também estava começando a me preocupar, e achei que seria melhor fazer isso sozinho no meu quarto em vez de ali embaixo com ele. Então fui lá pra cima e pus um CD pra tocar, mas desliguei o aparelho logo em seguida, porque não queria perder o som da mamãe girando a chave na fechadura lá embaixo.

Fui até a janela e olhei pra fora. A janela da sra. Kennedy ficava de frente para a minha e de vez em quando, ao fechar a cortina antes de deitar, eu a via no quarto dela. Teve uma vez que eu a vi de sutiã e fiquei supervermelho, mesmo estando só eu no quarto. Ela não percebeu que eu estava ali olhando, mas quando puxei a cortina tive a impressão de vê-la virar a cabeça. Depois disso fiquei meses sem encarar a sra. Kennedy.

Vesti o pijama e olhei para os meus pés, tentando mexer um dedo de cada vez sem mover os outros junto, mas não consegui.

Estava lendo *David Copperfield*, do Charles Dickens, mas quando tentei retomar a leitura, não consegui me concentrar e repeti a mesma linha um monte de vezes.

Então ouvi o som de um carro descendo a rua, mas não

era o som que o carro da mamãe fazia. O dela era um carrinho popular, que ela chamava de Bertha, o que sempre me fazia rir. Se bem que, num dia que fiquei zangado, eu disse a ela que era estúpido dar nome a um carro, e ela disse que eu não devia levar tudo tão a sério, que era apenas uma piada. Primeiro eu pensei que o carro ia passar direto, mas depois ouvi ele parar, o motor ser desligado e as portas serem abertas e fechadas.

Abri a porta do meu quarto e segui até o patamar das escadas, de onde dava para ver o corredor lá embaixo sem que ninguém me visse. A campainha tocou, o papai apareceu, caminhou ligeiro até a porta e abriu. Mamãe estava parada do lado de fora, sem olhar pra ele, mas também sem olhar pro chão. Parecia que ela estava encarando um ponto fixo na parede atrás do papai e que ia continuar olhando naquela direção para sempre.

Ela estava cercada por dois policiais. Mas aí um deles tirou o capacete e um montão de cabelo loiro se espalhou pelos seus ombros, e então eu percebi que era *uma* policial. Todos pareciam muito sérios.

Não era preciso ser um gênio para perceber que alguma coisa ruim tinha acontecido.